cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2016 – ano XXII – nº 64

AB SABIN
Ensinar é criar descobertas

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

Na direção certa

Uma escola em movimento. O tema permeia esta edição da **Revista do Sabin**, tanto em termos de movimento no sentido literal – caso de matérias sobre Psicomotricidade ou a importância dos esportes – como no que remete à ideia de evolução. Uma escola em movimento é uma escola que atualiza suas referências, que constantemente revisa e aprimora seus métodos, como o Sabin tem feito e conta nestas páginas, em relação a conteúdos que vão do currículo da Educação Física à formação moral de seus alunos.

Mas movimento também pressupõe saber onde se está, para definir aonde se deve ir. Foi o que nos motivou, há alguns meses, a contratar uma consultoria especializada em instituições de ensino, que realizou mais de 1.400 entrevistas com professores, colaboradores, alunos, pais de alunos e pais que demonstraram interesse em matricular seus filhos no Sabin mas, por alguma razão, não o fizeram.

O que descobrimos nos deixou bastante animados. Em primeiro lugar, devido aos altos índices de satisfação registrados entre professores, colaboradores e alunos (para a pesquisa, foram considerados alunos do Fundamental II e do Ensino Médio): em torno – e em vários quesitos acima – dos 80% de satisfação. Avaliamos o nível de nossos docentes, do conhecimento sobre o conteúdo à clareza de exposição, do relacionamento com os alunos à postura ética. Avaliamos nosso modelo pedagógico (a qualidade do material didático, o nível de aprendizado proporcionado, etc.), o programa de Esportes & Cultura e sua importância na formação e na qualidade de vida, além da infraestrutura do Colégio, com destaque positivo para os equipamentos esportivos, laboratórios, salas de aula e áreas comuns. E os entrevistados, consistentemente, atribuíram nota 4,0 ou maior – numa escala de 1,0 a 5,0 – a quase todos os quesitos.

Professores e colaboradores também avaliaram muito bem o Sabin pela perspectiva de seu lugar de trabalho: o clima organizacional, os recursos disponíveis, o trabalho em equipe e a gentileza entre colegas, etc. Condições que refletem, sem dúvida, na qualidade do serviço que eles prestam aos alunos.

Já a pesquisa sobre a percepção dos pais nos trouxe outra ótima constatação. Quanto à principal razão pela qual matricularam seus filhos no Sabin (ou teriam matriculado, no caso das famílias que apenas demonstraram interesse), 76% afirmaram "pela qualidade do ensino" ou "por ouvir falar sobre a qualidade do ensino" (69% no segundo grupo). E, se fatores como proximidade de casa, infraestrutura, opções de esportes, aprovações no Enem e em vestibulares ou o ensino do Inglês figuram com significativa, porém menor relevância, é porque são entendidos como componentes do todo, do objetivo maior, que é a formação integral, ética e cidadã dos alunos.

Isso mostra um alinhamento muito grande de visão entre o Sabin e as famílias. Mostra que estamos fazendo entender nossa proposta, que ela está sendo aceita e, o que é melhor, que quem vive o Sabin atesta que essa visão corresponde à realidade. Mostra que nosso movimento está na direção certa.

Cristina Godoi
Mantenedora do Sabin
cristina@albertsabin.com.br

EXPEDIENTE
A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustrador Convidado:** Osiel Nascimento (pp. 10 e 11) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita. 2º trimestre letivo 2016.**

Uma escola em movimento

Revista do Sabin,
2º trimestre
letivo 2016
ano XXII – nº 64

Na foto:
Lucca Sokabe,
3ª série D
do Ensino Médio.

4+5
+ Conversa Paralela
Ser fiel a si mesmo na escolha da profissão

6+7
+ Educação Infantil
O olhar da Psicomotricidade na Educação Infantil

8+9
+ Infantil e Fundamental I
A Matemática e o trabalho com gráficos

10+11
+ Fundamental II
Como ensinar alguém a ser moral?

12+13
+ Lições do Esporte
Os benefícios do esporte para além do físico

14
+ Idiomas
Livros viram jogos nas aulas de Inglês

15
+ Esportes & Cultura
A Educação Física em transformação

16
+ Encantamento
O espírito solidário da Festa Junina do Sabin

17
+ Diagrama
O Sabin em números

18+19
+ Livre Expressão
A questão da ideologia em sala de aula

20
+ Criar Oportunidades
O apoio do Cajec a crianças e jovens com câncer

Marina Segnini dos Santos
psicóloga, psicanalista e especialista em orientação profissional

Conhecer-se no presente para construir-se no futuro

EM JUNHO, ALUNOS DO ENSINO MÉDIO FORAM MAIS UMA VEZ CONFRONTADOS COM A PERGUNTA QUE, PARA ALGUNS, É FONTE DE GRANDE AFLIÇÃO: QUE PROFISSÃO VOCÊ VAI ESCOLHER? MAS DESSA VEZ A PERGUNTA NÃO VEIO COM NENHUMA CARGA DE COBRANÇA OU EXPECTATIVA. **MARINA SEGNINI DOS SANTOS** DEIXOU CLARO QUE A ESCOLHA ERA ABSOLUTAMENTE PESSOAL E QUE NENHUMA RESPOSTA SERIA UM ERRO – SEU ÚNICO OBJETIVO ERA AJUDAR OS ALUNOS A SER FIÉIS A SI MESMOS. PSICÓLOGA, PSICANALISTA E ESPECIALISTA EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, MARINA MINISTROU UM *WORKSHOP* DURANTE A SEMANA DE PROFISSÕES DO SABIN, NO QUAL ENVOLVEU ALUNOS EM UM TRABALHO DE AUTOCONHECIMENTO NECESSÁRIO PARA QUE O PROCESSO DA ESCOLHA SEJA O MAIS ASSERTIVO E MENOS SOFRIDO POSSÍVEL. AQUI, ELA EXPÕE UM POUCO MAIS O QUE PENSA DO ASSUNTO, REFLETINDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA DECISÃO DOS FILHOS, O MERCADO DE TRABALHO E POR QUE, MESMO COM CRISE ECONÔMICA, O PRAGMATISMO NÃO PODE SUFOCAR OS SONHOS.

Que pergunta um jovem deve fazer ao escolher uma carreira: do que gosto, o que sei fazer bem ou o que vai me sustentar?
Todas são importantes, mas acredito primeiro em olhar para si mesmo. "Do que eu gosto", não do ponto de vista abstrato, mas concreto – aquilo que me vejo fazendo de fato e me sentindo bem. No nosso trabalho, enfatizamos que a escolha é pessoal. Eu só me realizo se estou fazendo algo que tenha sentido para mim. A gente tenta limpar um pouco o campo das expectativas dos outros – dos pais, dos colegas, da escola.

Como se trabalha isso?
A gente auxilia no processo de autoconhecimento, de olhar para si mesmo de maneira orientada. O que vou procurar em mim para fazer uma escolha? Temos, por exemplo, cartazes com vários critérios bem claros: "Gostaria de trabalhar em ambiente formal ou informal? Lidar com máquinas ou pessoas? Interagir com crianças, jovens, adultos ou idosos?" É bem concreto e faz o jovem pensar – aliás, não só o jovem, qualquer um, tanto que esse material também é usado para transição de carreiras.

Além de se conhecer, é preciso conhecer também o mercado de trabalho, não?
A grande questão é que esse jovem se sinta realizado. No entanto, ele também tem de levar em conta o mundo concreto. Buscar informação, fazer uma pesquisa, saber das dificuldades. Por exemplo: se eu for fotógrafo, vou ganhar menos que meu amigo que vai fazer Engenharia Civil? Não se sabe. É mais fácil você adquirir rapidamente um emprego formal, com carteira assinada, seguro-saúde, bônus no fim de ano, sendo engenheiro civil? É. O fotógrafo provavelmente vai ser um profissional autônomo, com remuneração variável. Mas, talvez, ele pode ser muito bem-sucedido, ter muito trabalho e ganhar até mais do que um engenheiro civil. Ok, você sabe de tudo isso? Sei. Esse processo de pesquisa é fundamental. A gente tem instrumentos para ajudar o jovem a pensar sobre si mesmo e a fazer essa pesquisa – mas é ele quem vai descobrir.

"O pai deveria autorizar o filho a sonhar, a se projetar no futuro."

Como os pais podem ajudar no processo de escolha do filho?
Primeiro, apoiando. É uma coisa básica, óbvia, mas às vezes não acontece. O filho diz: "Quero fazer Moda". E o pai: "Meu filho, Moda?! Não dá..." Espere um minuto, pai, vamos ver o que é Moda. "Filho, você quer Moda? Então vamos pesquisar, vamos falar com um profissional da área". É autorizar esse filho a sonhar, a se projetar no futuro. Com apoio, mesmo emitindo opinião sobre o assunto – até porque pais próximos conhecem seus filhos e podem auxiliar no processo com opiniões importantes. O filho diz: "Quero fazer Arquitetura". O pai pode dizer: "Ok, filho, acho que não é a sua praia, porque eu o conheço, mas vamos ver o que um arquiteto faz, vamos conhecer a matriz curricular". Enfim, é tornar esse momento também um momento da família, para que o jovem não fique sozinho lá no quarto, aflito.

O mundo atual – especialmente com a crise – não exige mais pragmatismo dos jovens?
Eu acho que o momento atual é difícil para o jovem. Porque, aos 16 e 17 anos, é quando a gente pode mais sonhar e experimentar. Daqui a 15 anos, ele estará em outro momento de vida, terá mais responsabilidades e dificuldades para fazer escolhas. E aí eu acho que, quando pressionado – pela mídia falando em crise, pela família, porque não sabe se vai ter emprego, boa remuneração, se vai se sustentar ou ser sustentado pelo pai, que também está tenso com o próprio futuro –, tudo isso se mistura e faz com que esse jovem fique aflito para pensar criativamente toda a sua potencialidade. A preocupação de ser funcional breca, retira do jovem toda essa potência que ele tem de repensar a sociedade, de criar o novo, de se contrapor ao *status quo*.

Diz-se que a geração atual – os *millennials* – é em geral mais impulsiva, menos compromissada, não "veste camisa". Esse tema aparece na orientação profissional?
Tenho uma certa crítica sobre esse discurso, que é meio ideológico. Quem fabricou pessoas que não "vestem a camisa" foi o mercado de trabalho, que demite assim [estala os dedos]. Você pode ser demitido mesmo "vestindo a camisa". Tem também o discurso: "Vamos trabalhar em equipe – mas no fim do ano a gente avalia individualmente e dá bônus para o melhor, ok?" Ora, por que eu vou trabalhar em equipe? Eu acho que essa é uma geração com muitas possibilidades. Outro dia, vi numa reportagem que daqui a 15 anos algumas atividades de trabalho terão acabado e surgirão outras que a gente nem imagina. Por isso, relativizo um pouco essas preocupações concretas de acertar de primeira, de se dar bem, de se encaixar no mercado, porque acho que tudo isso tolhe a criatividade. Acho que ser flexível, ser ágil, fazer projeções de futuro em não tão longo prazo, acho que isso, sim, é mais importante. E ser bom naquilo que se faz, naquilo que se escolheu. A camisa você acaba vestindo – não como seu avô, que o fez por obrigação, mas porque você se empenha, porque você se orgulha e vai. Em geral, as pessoas querem fazer bem-feito.

Enxergando adiante

Como o olhar da Psicomotricidade influencia o trabalho do professor na Educação Infantil.

Daqui a alguns anos, os alunos do Pré I do AB Sabin talvez não se lembrem do que faziam nas aulas de Educação Psicomotora da professora Ayni Shih Liu. Quando já estiverem crescidos e plenamente alfabetizados, produzindo suas primeiras redações, dificilmente pensarão nas horas dedicadas a alinhavar cordões pelos furos de um escorredor de macarrão, a cortar papéis com a tesoura nas linhas indicadas ou a catar botões de roupa com uma pinça. No entanto, tais atividades terão sido necessárias para eles conseguirem segurar o lápis corretamente e escrever as letras no papel, dentro das pautas do caderno.

Da mesma forma, brincadeiras e jogos como pular amarelinha, saltar para dentro e para fora de bambolês ou brincar de dança das cadeiras poderão ser lembranças remotas, mas terão influenciado diretamente a capacidade dos alunos de praticar esportes, compreender conceitos de Geometria ou prestar atenção nas aulas de Ciências.

Talvez eles jamais se deem conta, mas a professora Ayni está ciente dos benefícios que a Educação Psicomotora traz para o desenvolvimento motor, emocional e cognitivo de seus alunos. Assim como suas colegas da Educação Infantil do Sabin e do AB Sabin, Ayni tem sido assessorada por especialistas da área para perceber com mais clareza como a Psicomotricidade engloba campos de formação imprescindíveis para os mais diversos aprendizados futuros. Da aquisição da escrita ao domínio da linguagem oral, da capacidade de estabelecer vínculos afetivos à habilidade de se concentrar em uma tarefa específica, tudo está relacionado ao propósito central da Educação Psicomotora: dar à criança consciência e maior controle sobre seu corpo e suas emoções.

Não é uma relação tão óbvia nem mesmo entre educadores. "Na maioria das faculdades do País, o curso de Pedagogia tem no máximo uma ou duas disciplinas ligadas à Educação Psicomotora", diz a orientadora da Educação Infantil do Sabin Andréa Silva. Pós-graduada pelo Instituto Superior de Psicomotricidade e Educação / Grupo de Atividades Especializadas (ISPE-GAE) – entidade que representa, no Brasil, a Organização Internacional de Psicomotricidade e Relaxação –, Andrea afirma que a formação especializada na área "muda o olhar do professor", fazendo-o entender a conexão entre as atividades executadas pela criança e a aquisição de habilidades mais à frente.

Entender, por exemplo, como a prática do movimento de pinça com os dedos polegar e indicador é fundamental para a aquisição da escrita, ou como desenhar à mão livre facilita o aprendizado das letras cursivas. Ou, ainda, como a tradicional dança das cadeiras é uma ótima forma de ensinar a criança a se focar em algo e a esperar o momento certo de agir. "Aspectos que poderiam passar despercebidos – por exemplo, com que perna a criança prefere chutar a bola ou se ela apoia o cotovelo na mesa enquanto desenha – são observados atentamente pelas nossas professoras, que sabem da importância deles para o desenvolvimento dos alunos", diz Mônica Mazzo, diretora do AB Sabin.

Quem assessora o Sabin e o AB Sabin são as psicomotricistas do ISPE-GAE Cláudia Galvani e Camila Costa, que têm conduzido periódicos encontros de formação com a equipe dos dois colégios. Nos encontros, elas passam conceitos teóricos, sugerem atividades e analisam situações reais ocorridas nos dois colégios. "Gravamos algumas de nossas aulas em vídeo, e elas usam esse material para promover reflexões e dar *feedbacks* à nossa equipe", diz a diretora.

Fundamentada na Neurociência, a Psicomotricidade traz dois pressupostos importantes para o trabalho do professor da Educação Infantil. O primeiro é que a primeira ferramenta pedagógica à disposição da criança é o seu próprio corpo. É por ele que a criança compreende conceitos necessários para se localizar no mundo, para explorá-lo e para se relacionar com os outros. Ao entrar em um bambolê no chão e sair dele, ao pular corda, ao se olhar no espelho e mover os braços, por exemplo, ela introjeta noções como dentro e fora, em cima e embaixo, direita e esquerda.

O segundo pressuposto é que a aquisição do controle do corpo – a consciência do que eu posso fazer e do que eu sei fazer – evolui do global para o específico. Se, nos primeiros meses de vida, a criança move cabeça, tronco, braços e pernas frequentemente e ao mesmo tempo, à medida que consegue controlar o próprio tônus muscular e adquire freio inibitório, ela será capaz de movimentar apenas os músculos necessários para tarefas de praxia fina, como escrever, por exemplo.

Isso norteia o planejamento da Educação Infantil, ajudando a definir expectativas de aprendizagem em cada etapa – e tarefas cada vez mais especializadas para a criança executar. Assim, no Maternal I, pode-se esperar que a criança explore os movimentos de rolar, rastejar e quadrupejar; no Maternal II, a praxia fina por meio de alinhavos, amassadura e rasgadura de diferentes papéis; no Pré I, o movimento de preensão por meio de materiais diversificados e que use adequadamente o lápis e a tesoura de acordo com a faixa etária; e, no Pré II, espera-se que seja capaz de traçar corretamente a letra bastão.

As diversas brincadeiras e jogos propostos pelas professoras, assim, exploram todos os campos da Psicomotricidade – esquema e imagem corporal, estruturação espaço-temporal, lateralização, tonicidade, equilibração e grafomotricidade – numa progressão pensada com cuidado. "Nossas professoras passaram a planejar suas aulas com mais consistência – e não apenas as de Educação Psicomotora, mas todas, já que o desenvolvimento psicomotor acontece transversalmente, em todas as atividades da vida diária da criança", diz Andréa Silva.

Os estudos de Psicomotricidade mudam o olhar do professor.

Ilustração por Freepik

Ver para compreender

Como os gráficos ajudam os alunos a enxergar informações matemáticas com mais clareza.

Maria Teresa Mastroianni acredita que a pré-escola é um bom momento para começar a aprender Estatística. Assessora de Matemática para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I do Sabin, ela ajuda a desenvolver atividades que ensinam os alunos, desde muito cedo, a coletar, analisar e interpretar dados quantitativos, utilizando tabelas e gráficos para resumir as informações de maneira visual, direta e clara. É trabalho estatístico, por definição. Maria Teresa garante que os alunos estão preparados para isso.

Obviamente, não é necessário falar em Estatística para ensinar a crianças habilidades usadas nesse ramo da Matemática – habilidades, estas sim, necessárias desde o início da vida escolar. Afinal, a Matemática é uma ferramenta para a compreensão de fenômenos naturais e humanos, e o tratamento estatístico de informações matemáticas – o trabalho de organizar os dados relevantes em cada situação, de relacioná-los entre si e daí tirar conclusões – é uma das principais formas como usamos a ferramenta. "Para lidar com um mundo em que a informação é cada dia mais importante, esse eixo da Matemática que chamamos de Tratamento das Informações é fundamental", diz a assessora.

Quais as brincadeiras juninas preferidas dos alunos? Como tem variado a temperatura durante a semana? Na investigação de dados de natureza numérica, representá-los visualmente em gráficos para facilitar sua interpretação é uma das técnicas mais úteis. É por isso que costumamos ver pesquisas de intenção de voto representadas por gráficos de linhas, que evidenciam se a tendência dos candidatos é subir ou não; ou censos demográficos, por gráficos de setores (os famosos "gráficos de pizza"), que tornam mais clara a proporção de cada grupo de pessoas em relação ao todo da população.

Se uma imagem vale mais do que mil palavras, ensinar os alunos a construir e a ler gráficos vale muito. E pode começar cedo, como se vê no quadro ao lado.

É interessante notar, aponta Maria Teresa, como todas as atividades auxiliam na apreensão de informações de outras disciplinas. Assim, um gráfico sobre tipos de lanches consumidos dá subsídios para o aprendizado de alimentação saudável (Ciências); outro, sobre personagens de terror, complementa aulas de Literatura; outro dialoga com a Educação Física, registrando saltos em distância. "Saber lidar com dados matemáticos diz respeito a todas as áreas do conhecimento humano; é necessário para um bom desempenho escolar e profissional e garante o exercício crítico da cidadania, que envolve votar, reclamar direitos, preservar o meio ambiente, etc.", diz a assessora.

QUER QUE DESENHE?

Do Pré I ao 5º ano, os alunos aprendem que cada tipo de gráfico serve a um objetivo de análise das informações matemáticas.

Gráficos de Barras Simples (ou Colunas)
Servem para comparar quantidades ou grandezas de uma mesma categoria de dados.

No Pré I, uma fita-crepe no chão é a base do primeiro gráfico construído pelos alunos. Um a um, eles posicionam almofadas circulares, triangulares, quadradas e retangulares na posição da fita correspondente à sua forma geométrica, formando colunas de almofadas no chão. A atividade os faz perceber como a organização dos dados ajuda na percepção sobre eles (há bem mais almofadas circulares do que as demais, por exemplo).

No Pré II, exercício semelhante é feito no papel. Após um trabalho de pesquisa sobre folclore, os alunos descobrem quais os personagens folclóricos preferidos da turma, registrando as escolhas em colunas e identificando as maiores.

No 1º ano, o tema são brincadeiras juninas favoritas. "O interessante aqui é começarmos a fazer inferências a respeito da pesquisa", diz Maria Teresa. "Por exemplo, quais brincadeiras devem continuar na Festa Junina do Sabin? Provavelmente, as favoritas".

Já o 2º ano é capaz de análises mais sofisticadas. Durante uma semana, alunos registram tipos de lanches consumidos – como doces, pizzas, frutas ou cereais –, elaboram gráficos e decidem se têm uma alimentação saudável ou se devem melhorar seus hábitos.

No 3º ano, uma atividade de salto em distância serve para montar gráficos de barras com um diferencial: as barras identificam intervalos de grandeza (saltos de 82 cm, 93 cm e 95 cm são agrupados no intervalo de 80 cm a 1 m, por exemplo).

Gráficos de Barras Duplas ou Múltiplas
Servem ao mesmo propósito, mas adicionam variantes aos dados em comparação.

O 4º ano já maneja gráficos de barras e entende a necessidade de identificar corretamente eixos e títulos ("Do que gostamos no lanche" é diferente de "O que comemos no lanche", por exemplo). Mas um gráfico sobre sabores de bolo preferidos acrescenta uma variante: as preferências de meninos e meninas.

Gráficos de Linhas
São úteis para mostrar a evolução de um ou mais dados ao longo de um período.

No 5º ano, os alunos medem temperaturas máximas e mínimas de cada dia durante uma semana. As linhas registradas no gráfico indicam se a tendência do clima foi esquentar (linhas ascendentes) ou esfriar (descendentes).

Gráficos de Setores ("Pizza")
Ilustram a proporção que cada dado pesquisado tem em relação ao conjunto total.

Também no 5º ano uma pesquisa sobre Literatura de Terror traz a questão: como deixar claro, visualmente, que quase metade (15 alunos) da turma (32) curte o Jason, da série *Sexta-Feira 13*? Desenha-se um círculo no chão e reserva-se uma "fatia" de quase 50% para os fãs do personagem. "É um gráfico apropriado porque, a essa altura, estamos trabalhando porcentagens, raio, diâmetro, circunferência", diz Maria Teresa.

Faça a coisa certa!

Por que uma educação moral envolve muito mais do que obedecer a regras.

Era uma vez uma professora que acreditava ser capaz de formar alunos honestos, respeitosos e solidários. Com regras claras de disciplina e administração justa de punições e recompensas, ela manteria o bom comportamento da turma, enquanto, por meio de histórias com lições de moral, promoveria valores positivos, que seus alunos levariam para a vida adulta, felizes para sempre.

Até a realidade mostrar que não era simples assim.

Desde 2005, um grupo de pesquisadores de várias universidades, como a USP, a Unifesp, a Unesp e a Unicamp, estuda os desafios da Educação Moral para entender por que os resultados nem sempre correspondem às boas intenções dos educadores. Buscando definir em que consiste uma personalidade moral e como a escola contribui para sua formação, pesquisadores do Gepem (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral) acompanharam por anos o cotidiano de diversas escolas e observaram que as estratégias descritas no início do texto, embora predominantes, são insuficientes.

Mais do que sermões e castigos em momentos pontuais da vida escolar, o grupo concluiu ser necessária a existência de um ambiente sociomoral justo e cooperativo, em que as palavras sejam consistentemente corroboradas por atitudes concretas de todos – professores, alunos, funcionários –, por momentos de reflexão crítica e debate e até mesmo por situações de conflito. Desde então, o grupo vem dividindo suas ideias com escolas interessadas no tema. É o caso do Albert Sabin.

"Temos grande afinidade teórica com o Gepem, cujas pesquisas nos servem de referência para alguns projetos", diz Giselle Magnossão, diretora do Sabin. Assim, desde abril, uma pesquisadora do Gepem conduz encontros mensais de formação com a equipe do Colégio, voltados para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. "Queremos nos certificar de que nossos educadores sejam mediadores qualificados do processo de construção da personalidade moral dos alunos", diz Giselle.

E, na base desse processo, uma pergunta crucial: é melhor que uma criança siga regras sociais por obedecer a pais e professores ou por identificar-se, de verdade, com os valores por trás dessas regras? A resposta – a chave de uma Educação Moral eficaz – é a diferença entre um remédio e uma vacina.

Segundo a perspectiva construtivista, liberdade é componente imprescindível de uma personalidade moral. Se durante os primeiros anos de vida a criança vive num estado de anomia (ausência de regras), a partir de certa idade ela já sabe que existem regras no mundo e autoridades às quais se submeter. Contudo, ela ainda não tem escolha. Sua conduta é heterônoma, definida por controle externo. É só quando passa a compreender o valor das regras e a segui-las (ou não) de acordo com a própria consciência que a criança adquire autonomia moral.

Mesmo adultos, vale notar, seguem condutas heterônomas; quando, por exemplo, são obrigados a obedecer a leis das quais discordam. Moralidade, porém – o conjunto de valores universalmente estimados, como justiça, honestidade ou generosidade –, requer uma personalidade autônoma para seguir fiel a esses valores, independentemente das circunstâncias. Mesmo quando ninguém estiver olhando.

"Como diz [o educador e psicólogo integrante do Gepem] Yves de La Taille, a educação não pode ser remédio, que resolve problemas de comportamento aqui e agora, mas não sempre. Formação moral tem de ser vacina", diz Laércio Carrer, coordenador do Fundamental II.

Só que administrar a vacina leva tempo, demanda maturação cognitiva e afetiva dos alunos. Cognitiva porque o cérebro infantil nasce neurologicamente incapaz de se descentrar, de coordenar perspectivas diferentes da sua e de operar por hipóteses. Em outras palavras, de se colocar no lugar de um colega ofendido e pensar: "E se fosse comigo?" E maturação afetiva porque moralidade não é apenas entender o que se deve fazer, mas querer fazer. É aí que entra a importância do ambiente escolar.

Na convivência com professores e colegas, uma criança tira conclusões. Aos poucos, ela percebe que tipo de conduta é considerado positivo, baseada menos no que as pessoas dizem (sermões e lições de moral) e mais no que demonstram ao agir. Quais traços são mais admirados pelo grupo: a obediência ou o questionamento? O prestígio sobre os pares ou o cooperativismo? A força ou o respeito? Da experiência, a criança monta um sistema de valores e uma personalidade condizente, que reforça uma imagem positiva de si mesma. Esse resultado, dizem os pesquisadores do Gepem, não é obra de uma só pessoa bem-intencionada, mas de uma escola inteira, em que todos estejam alinhados sobre valores e normas morais.

Alinhamento, porém, não quer dizer pensamento único. Tudo, num ambiente sociomoral democrático, está aberto à divergência, inclusive os próprios valores, que servem de temas de assembleias e debates em sala de aula. É o que acontece, por exemplo, nas aulas de Filosofia do Sabin, que abordam temas como "bullying" e dilemas como "achado não é roubado?"

Ainda mais do que divergências de opinião, uma educação moral deve estar preparada para a existência de conflitos. "Estamos fazendo uma reflexão profunda sobre a postura do professor como mediador de conflitos", diz a coordenadora do Fundamental I, Dionéia Menin. A ideia é não conter conflitos pela autoridade do professor (heteronomia), mas aproveitá-los como oportunidades para que os alunos expressem seus pontos de vista, entendam o outro e cheguem a conclusões sobre certo e errado (autonomia).

E é principalmente nesse ponto que os pesquisadores do Gepem têm ajudado a equipe do Sabin, quanto a estratégias mais eficientes de intervenção, como: utilizar linguagem descritiva sem juízos de valor e sem tomar partido; serenar os ânimos; quando necessário usar a autoridade, ser firme e breve; não expor alunos com reprimendas públicas (especialmente na adolescência, idade mais suscetível a essa situação); entre outras.

Vidas em movimento

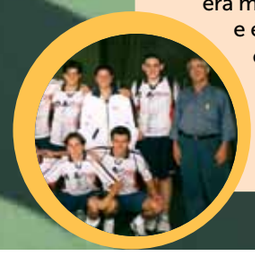
Para além do condicionamento físico, o esporte integra, educa e transforma.

O prédio mais alto do Colégio Albert Sabin não tem nenhuma sala de aula convencional. Com seis andares, o Prédio Picasso é, em sua maior parte, dedicado a práticas esportivas diversas: são duas piscinas cobertas e aquecidas, dois ginásios poliesportivos e duas quadras poliesportivas à disposição dos alunos. Somem-se a essa estrutura mais cinco quadras e duas piscinas distribuídas pelo Colégio, e você tem uma instituição pedagógica que evidentemente vê no esporte um elemento fundamental para a formação de seus alunos. Que considera que o esporte tem espaço próprio na educação de crianças e adolescentes, não é um "extra". Que, para além da atividade física, para além das piscinas e quadras, o esporte tem algo concreto a ensinar para a vida. Foi isso que o professor Paulo Rogério Vieira aprendeu há quase 20 anos, quando veio trabalhar no Sabin.

O objetivo de Paulo Rogério Vieira era ser técnico de vôlei profissional. Atleta na juventude, participou de torneios e chegou a ser campeão metropolitano e estadual jogando como ponta pela equipe do Clube Palmeiras. Depois de formado em Educação Física, conseguiu o primeiro emprego numa academia, onde dava aulas de vôlei para adolescentes e de Educação Física para crianças. Era professor, mas tinha olhar de treinador. "Eu era imaturo, minha preocupação era mais com a performance, com o exercício pelo exercício", diz. Até que chegou ao Sabin.

Contratado em 1997, Paulo veio treinar o time de vôlei do Colégio pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura, mas o contato com a filosofia pedagógica do esporte lhe abriu os olhos para outras possibilidades. Onde o treinador buscava resultados imediatos e a vitória acima de tudo, o professor passou a enxergar a evolução a longo prazo de seus alunos. Inclusive fora das quadras. "O esporte é uma ferramenta de construção do ser humano", diz Paulo, hoje coordenador do Programa. "É referencial positivo de disciplina, de perseverança, de trabalho em equipe, de equilíbrio emocional e de autoconfiança". Suas palavras têm a propriedade de quem já viu centenas de crianças crescerem para se tornar adultos mais cooperativos, seguros e obstinados. Adultos como seu ex-aluno Diego Lourenço Cartacho.

Diego Cartacho não consegue lembrar de sua época de colégio sem pensar em esportes. A começar pela Iniciação Esportiva, no 2º ano do Fundamental, aproveitou intensamente o Sabin+Esportes&Cultura até concluir o Ensino Médio, em 2003, tendo participado dos times de vôlei, futsal e handebol do Colégio (também fez natação, "mais como lazer"). Aos 30 anos, o ex-aluno preserva o pique, fazendo vôlei, natação e musculação. Não seguiu carreira esportiva – é engenheiro e professor da Escola Politécnica da USP, além de mestre e doutorando na mesma instituição –, mas o esporte influenciou o profissional que ele é hoje. "Lidero projetos e sou liderado em outros. O esporte me fez entender o trabalho em equipe, a importância de todos seguirem o mesmo rumo, na direção que o líder indica", diz Diego, que foi capitão do time de vôlei do Sabin, sob o comando do professor Paulo. À liderança e ao respeito pela equipe, acrescenta outro aprendizado: "Eu tinha horário certo para tudo: estudar, descansar, comer, treinar. A palavra era disciplina. Isso você leva para a vida". Rotina rígida, mas não sofrida: para Diego, o esporte era meio de motivação e entrosamento com colegas e professores. Um fator que a aluna Luísa Torres Negreiros entende como ninguém.



Luísa Negreiros nasceu com o pé direito torcido para dentro. A condição, conhecida como Pé Torto Congênito (PTC), pode ter definido o início da vida da menina, mas hoje, aos 13 anos de idade, é um detalhe quase imperceptível – principalmente por quem a vê se apresentar na trave ou no solo da ginástica artística. Aluna do 8º ano B, Luísa é ginasta desde os 7 anos. Começou na modalidade depois de várias cirurgias, engessamentos do pé e sessões de fisioterapia. As dificuldades naturais, enfrentava com garra e com o apoio da professora Roseane Costa dos Santos, que lhe dedicava cuidado e minutos extras para adaptar exercícios e incentivá-la a se desafiar. Registradas em vídeo pela mãe de Luísa, as aulas chamaram a atenção da Dra. Monica Paschoal Nogueira, médica de Luísa e referência em PTC, que escreveu uma carta elogiando o trabalho "fenomenal" de Roseane e o "resultado incrível" no tratamento da jovem. Desde então, a médica suspendeu a fisioterapia. Mas a ginástica – assim como as outras atividades praticadas pela aluna, como a Iniciação Esportiva, o xadrez e o teatro – fez mais do que "consertar o pé" de Luísa. Fez a jovem se sentir integrada numa escola em que nunca lhe faltaram amigos e apoio, onde ela teve a oportunidade de ser quem ela queria ser. Assim como a ex-aluna Giovanna Garrido Malagoli.

Giovanna Malagoli fez Iniciação Esportiva e balé nos primeiros anos do Fundamental. No 6º e 7º anos, jogou handebol. Mas foi no 8º ano que encontrou sua maior paixão: a dança. O que não deixa de ser surpresa, porque se tem uma coisa que a dança exige é que a pessoa se expresse por meio do corpo – e Giovanna é a primeira a admitir que se expressar era um de seus maiores desafios. "Eu era muito tímida", diz a ex-aluna. "Ela mal falava comigo", lembra a professora Carolina Furtado, que "pegava no pé" da pupila para que ela se soltasse. Por admiração à dança – ela gostava de ver a equipe do Sabin se apresentando nos musicais de fim de ano – e por influência das amigas, Giovanna venceu o medo. E descobriu-se não só capaz de se soltar como de fazê-lo em frente ao público. "Não imaginava que ficaria tranquila na frente das pessoas, mas foi assim". Participou dos musicais e de competições interescolares, ajudou sua equipe a ganhar troféus para o Sabin. O que é mais importante: fora dos palcos, o medo também havia sumido. Começou a interagir mais com os colegas, a se posicionar, a frequentar festas. A dança a havia feito se encontrar com quem ela realmente poderia ser.

Game on

Paradidáticos inspiram a criação de jogos e atividades que motivam o aprendizado de Inglês.

Divididos em grupos no chão da sala, alunos da turma de nível Intermediary 2, do Inglês, divertem-se disputando jogos de tabuleiro. A professora, Alexandra Freitas, acompanha a cena, satisfeita com o grau de interesse que os jovens demonstram pelo material. A ideia da equipe de Inglês havia dado certo.

Os jogos e suas regras foram criados pelos próprios alunos, inspirados no livro paradidático designado para o semestre: *Frankenstein*, de Mary Shelley. Em vez de pedir aos alunos que lessem a obra e preparassem fichamentos ou apresentações orais sobre ela – o que tradicionalmente era feito pelo programa de Inglês em relação aos paradidáticos –, neste ano a equipe do Sabin decidiu propor atividades diferenciadas para complementar a leitura. Atividades como desenvolver *board games* (jogos de tabuleiro), por exemplo.

Um grupo de meninas joga *Frankenstein's Challenge*, jogo de perguntas e respostas. Uma das alunas puxa uma cartela e lê em voz alta: "*What did Felix do when he saw the monster?*" ("O que Felix fez quando viu o monstro?") Sua colega leva um tempo para se lembrar do personagem em questão: "*Who is Felix again?*" ("Quem é Felix mesmo?") A pergunta motiva uma breve discussão e recapitulação do grupo sobre o enredo do livro. Em inglês, naturalmente.

"Quando passei a atividade, eu disse que eles só tinham de cumprir duas exigências", lembra Alexandra. "Primeiro, que o jogo fosse divertido. E, depois, que abrangesse o conteúdo do livro inteiro". Essa foi a primeira grande vantagem dos jogos sobre os fichamentos tradicionais. Como explica a professora, o modelo anterior podia dar margem a leituras menos envolvidas ou até mesmo compartimentadas da obra, com os grupos dividindo a responsabilidade por determinados capítulos entre seus membros. Os jogos, por outro lado, além de instigantes, levaram organicamente a uma leitura mais atenta e integral da obra por parte de todos – durante o jogo, afinal, nunca se sabe qual cartela sairá na sua próxima rodada. "Eles adoraram, e é visível como se prepararam melhor. A leitura se tornou mais eficiente pedagogicamente", diz Denise Araújo, coordenadora do departamento de Inglês.

Mas não é só. Segundo Alexandra, a confecção dos jogos em si envolveu um trabalho bastante rico de discussão sobre regras, de testes e ajustes, complementando a leitura dos paradidáticos com práticas de oralidade e escrita. "Gostei muito da qualidade das perguntas que eles elaboraram, em termos de gramática e de vocabulário". E um detalhe interessante: o trabalho só se completou quando os grupos trocaram os jogos entre si, uns testando as criações e os desafios dos outros.

A estratégia dos *board games* não foi a única utilizada para complementar a leitura dos paradidáticos, porém. Algumas turmas, como a de nível FCE 1, utilizaram o aplicativo Quizizz para criar jogos virtuais de perguntas e respostas inspiradas na obra *The Man in the Iron Mask*, de Alexandre Dumas, enquanto os alunos do Basic 4 puderam escolher entre produzir encenações ou criar *board games* inspirados n'*As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain.

Em todos os casos, diz Denise, o objetivo da equipe de Inglês era tornar o contato dos alunos com as obras paradidáticas bem mais do que uma obrigação. "Nossa ideia era seduzir para a leitura, conquistá-los pelo encanto. Os jogos ajudaram muito nisso, tornando toda a atividade muito mais divertida", diz a coordenadora.

Alunas e alunos jogam futebol: enxergar e problematizar os sentidos que a sociedade atribui aos esportes também faz parte da Educação Física.

Nova visão de jogo

A Educação Física evolui. E o Sabin acompanha as novas referências da área.

Os professores de Educação Física do Sabin estão determinados a não ficar parados. Prática comum no Colégio, a equipe de Educação Física vem passando por um processo de reavaliação de seu projeto pedagógico, que tem resultado em reflexões importantes e mudanças práticas nos conteúdos e didáticas da disciplina.

Não é por acaso. Como as demais áreas da Pedagogia, a Educação Física evolui. O que já foi uma disciplina focada apenas em exercitar os alunos hoje é tida por educadores como um campo de construção de sentidos. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento em processo de construção que visa sistematizar o currículo das escolas do País –, a Educação Física é enquadrada na área de Linguagens, junto à Língua Portuguesa, à Língua Estrangeira e à Arte. Todas envolvem, por meios diferentes, maneiras de se colocar no mundo e de interagir com ele.

"As teorias tradicionais da Educação Física traziam o corpo e a cultura corporal como principais objetos de trabalho", diz o professor Paulo Rogério Vieira. "Mais recentemente, apareceram teorias críticas que introduziram questões políticas. Por exemplo: como trabalhar com meninos e meninas na Educação Física sem reforçar estereótipos de gênero? Isso influencia diretamente o nosso trabalho". Segundo Paulo, enxergar – e problematizar – o sentido que a sociedade atribui às atividades realizadas em quadras e ginásios muda o jogo para o educador. "A Educação Física pode ser vetor de promoção de consciência crítica".

Para auxiliar a equipe em sua reflexão, o Sabin conta com a assessoria de Osvaldo Luiz Ferraz, mestre e doutor em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em estudos de currículo. Ferraz tem uma visão alinhada à do Sabin, principalmente quanto ao papel do esporte na escola – não como espaço de seleção de atletas, mas de desenvolvimento pessoal da criança e do adolescente.

O especialista tem conduzido encontros mensais com a equipe do Sabin, que, segundo o professor Paulo, mantêm todos atualizados quanto às teorias mais recentes e autores de referência na área, além de garantir que a escola acompanhe as exigências legais, que vêm sendo revisadas intensamente desde setembro do ano passado (a versão mais recente da BNCC é de maio de 2016. Isso sem falar no recém-iniciado debate sobre as mudanças no Ensino Médio, que pode afetar diretamente a área).

Nos encontros, a equipe tem avaliado conteúdos (e como eles se distribuem ao longo das séries, da Educação Infantil ao Ensino Médio), didáticas e expectativas de aprendizagem. Isso se reflete em mudanças práticas, como ilustra Paulo. "Nas séries mais avançadas, por exemplo, por muito tempo houve uma cultura predominantemente ligada aos quatro esportes coletivos tradicionais: basquete, futebol, handebol e vôlei. Mas, de uns anos para cá, temos introduzido modalidades alternativas, como *badminton*, *tchoukball* e taco", diz. Uma medida que ajuda a atrair o interesse de mais alunos pelas aulas e amplia o leque de recursos pedagógicos do professor – que pode trabalhar outras habilidades motoras (como a rebatida, por exemplo).

Além disso, as aulas de Educação Física do Sabin têm aberto espaço para conversas e até mesmo aulas em laboratório sobre temas variados, como alimentação e hábitos saudáveis, cuidados com exercícios em excesso e imagem do corpo. Uma abordagem condizente com um conteúdo curricular que vai muito além de marcar pontos e ganhar jogos.

O espírito da festa

Quanto valem as horas de dedicação voluntária da nossa equipe na Festa Junina.

Imagine que três horas da sua vida significassem um parque novo para os alunos de uma escola pública. Ou equipamentos de informática e eletrodomésticos para uma casa de apoio a crianças e adolescentes com câncer. Apenas três horas, que você doaria para integrar a organização de uma festa alegre, junto a amigos – e assim contribuir para a vida de muita gente. Todo ano, em junho, professores e colaboradores do Sabin têm essa oportunidade.

Maior evento do ano no Colégio, a **Festa Junina do Sabin** sempre teve um componente de ação social e solidária condizente com os valores que o Sabin promove entre os alunos. Desde que foi criada, a Festa tem o seu lucro, que chega a mais de 80 mil reais, revertido integralmente em produtos e serviços destinados às instituições beneficentes. Não é surpresa, portanto, que, numa escola que tem como um de seus princípios a identificação de todos com esses valores – identificação que aqui chamamos de "encantamento" –, nossa comunidade abrace com entusiasmo a oportunidade de participar desse momento.

Manter o encantamento, contudo, também significa garantir que a mensagem da Festa Junina não seja esquecida com o passar do tempo, sob a rotina das obrigações da escola. Significa, por exemplo, lembrar à comunidade o quanto valem suas horas de dedicação.

"A Festa Junina do Sabin conta com a ajuda voluntária de funcionários e professores, que se revezam na administração das barracas de brincadeiras durante o sábado do evento", diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I e membro da comissão organizadora da festa. "Com o passar dos anos, é normal recebermos pessoas novas na equipe do Colégio, que podem questionar a razão de doarem três horas de um sábado ou se sentir constrangidas a participar, o que não seria o espírito da festa. Para evitar isso, sentimos que deveríamos fazer algo".

Assim, em 2015, a comissão da qual Dionéia faz parte reuniu a equipe do Sabin no Anfiteatro Picasso para mostrar os resultados concretos de seus esforços. Em *slides*, a plateia conheceu melhor as entidades beneficiadas e viu alguns dos itens adquiridos com o lucro da Festa Junina de 2014, de livros e brinquedos a geladeiras e aparelhos de ar-condicionado. E, quando Mário de Souza Filho, o "Tio Mário" – fundador do Grupo de Assistência Social Bom Caminho –, pisou no palco para falar da importância da ação do Sabin na vida das pessoas do bairro Jardim São Jorge, não foram poucas as lágrimas na plateia.

O sucesso da "prestação de contas" se repetiu neste ano. Semanas antes da Festa Junina, foi exibido um vídeo com cenas da edição anterior e seus efeitos: um parque reformado para a EMEI Oscar Pedroso Horta; um *freezer*, uma impressora, tecidos e materiais de costura para a Casa José Eduardo Cavichio (Cajec – *v. matéria na pág. 20*); uma mesa de pebolim para os alunos da EMEF Conde Luiz Eduardo Matarazzo; um passeio ao zoológico com as crianças do Bom Caminho; e muito mais.

A mensagem de solidariedade foi eficaz. Neste ano, segundo Dionéia, a Festa Junina contou com a participação de praticamente todos os professores e estagiários, além de pais e alunos voluntários. "De dois anos para cá, a participação da equipe na Festa Junina se tornou muito mais cooperativa e divertida", garante Dionéia. (*Os números da Festa Junina deste ano e dos demais projetos socioambientais do Sabin serão destaque da próxima edição da* Revista do Sabin.)

CULTURA EM CENA

A diversidade de experiências proporcionadas pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura permite que os alunos mostrem seus talentos artísticos, humanos e intelectuais.

+ CULTURA + OPORTUNIDADES

Modalidades culturais do Sabin+Esportes&Cultura em ordem de popularidade (número de inscritos).

- **270** Teatro (6º EF ao Ens. Médio)
- **196** Coral (2º EF ao Ens. Médio)
- **182** Programação e Robótica (6º EF ao 9º EF)
- **82** Projeto Voluntário (9º EF ao Ens. Médio)
- **65** Oficina de Artes (8º EF ao 9º EF)
- **48** Espanhol (Ens. Médio)
- **17** Teatro de Inglês (Ens. Médio)

Dados coletados no início do ano. As escolhas das modalidades podem ser alteradas ao longo do ano letivo. O xadrez, embora considerado uma modalidade cultural pelas regras do Programa, foi incluído no Diagrama da edição anterior da Revista do Sabin, junto às modalidades esportivas.

O GRANDE DIRETOR
Desde 2001, o professor de Teatro Ricardo Sonzin Jr. já dirigiu
109
peças no Sabin. Neste ano serão mais nove.

PALCO ESTRELADO
Inaugurado em 2004 com o musical "O Rei Leão", o Anfiteatro Picasso já recebeu
95
espetáculos, totalizando mais de
630
apresentações.

10 ANOS de Festival Sabin de Teatro

PEÇA MAIS PREMIADA:
"Chuá" (2011)
12 indicações, 7 prêmios: Peça, Produção Artística, Roteiro, Elenco, Atriz (Carolina Lopes), Atriz Coadjuvante (Flávia Trevisan) e Ator Coadjuvante (Paulo Felipe Leider)

ATRIZ MAIS Ppremiada:
Beatriz Borsatto Faria
5 indicações, 3 prêmios

ATORES MAIS PREMIADOS:
Pedro Ernesto Gasparette de C. Ferreira
4 indicações, 2 prêmios
Matheus Ignácio Alves
2 indicações, 2 prêmios

BOM ESPETÁCULO!

BRILHANTINA
"Grease", que estreia em novembro, será o 13º musical de fim de ano do Sabin.

POR FAVOR GUARDE SEU TICKET
FILEIRA G
POLT. 03

Ilustração por Freepik

Sala de aula ou espaço público?

Conta-se que Kant, o filósofo de Königsberg, quase nunca se atrasava para as aulas da universidade. Seu único atraso teria ocorrido quando recebeu a encomenda das obras de Rousseau: havia se entregado tanto à leitura que se esquecera do horário. Após concluir, compreendera seu destino: "Lutar pelos direitos do homem!" Dizia-se que Kant, como súdito do rei, era um homem exemplar, cumpria suas obrigações; mas, quando lecionava, era um crítico feroz das injustiças que encontrava.

Essa história, meio anedótica, revela o papel social dos professores. A sala de aula não é um palanque, mas um espaço público em que se deve enfrentar ideias dissonantes e encontrar meios de mediar conflitos. Conviver com contrários e diferentes é uma realidade das sociedades democráticas.

Sérgio Ricardo Andrielli, professor de História do Ensino Médio do Sabin

O professor, como intelectual que é, deve ser capaz de enfrentar esse espaço público para criticar crenças e atitudes que afrontem princípios fundamentais do ser humano. Os filósofos do Iluminismo perceberam essa tarefa, e hoje, nos tempos interessantes que vivenciamos, os professores devem ter em mente que a tarefa se aplica a eles também.

Claro que o Iluminismo do século XVIII era otimista, não havia levado em conta um grande número de questões que seus princípios não previram. O poder dos meios de comunicação, a força dos preconceitos, o nacionalismo e suas consequências, a desigualdade de gêneros, a transformação de homens em objetos, a aparente objetividade da ciência a serviço do mercado, a questão ecológica, a massificação da cultura, a violência contra a infância, a eugenia e o genocídio, entre outros aspectos, não passaram pela cabeça de homens como Kant e Rousseau. Isso tudo, no entanto, não impossibilita o projeto do Iluminismo. Só o transforma, altera seus princípios por outros mais adequados ao mundo democrático.

O mundo está melhor? Claro que sim! Está perfeito? Claro que não! Precisamos ainda combater dogmas, enfrentar injustiças, reconhecer erros, incluir mais indivíduos no projeto iluminista – mesmo porque essa realidade que identifico como melhor ainda não o é para a maior parte da humanidade. E, se isso não acontece na maior parte do mundo, então o professor precisa ter compreensão de seu papel de difusor do mundo que os iluministas projetaram. Ele precisa tomar posição, "perder seu tempo" (atrasar-se como Kant) para lutar pelos direitos do homem.

Desse modo, o debate sobre a isenção ideológica de professores em sala de aula é na verdade um falso debate, pois não se posicionar é uma forma de posicionamento. Não cabe discutir sobre ideologia em sala de aula, porque é lá, onde as futuras gerações vivenciarão o espaço público e aprenderão como é importante o dissenso, o debate de fato.

Quem entra em um debate deve estar propenso a modificar seus argumentos, caso encontre argumentos melhores. É essa a característica do espaço público. A verdade absoluta, dogmática, intolerante é que não pode (ou não deveria) existir. E o professor deve perceber que também não é o dono da verdade. Ele precisa se posicionar para, talvez, diante de argumentos contrários, também mudar de opinião. É desse modo que se constrói, mesmo que lentamente, uma sociedade mais justa e democrática.

O professor e a escolha pela divergência

Toda narrativa requer escolhas do narrador, do que inserir e do que desprezar em uma sequência de fatos, para que caiba em um determinado tempo ou espaço do papel. Ao fazer escolhas, o narrador evidencia uma escala de valores pessoais, podendo mascarar ou deformar a realidade, e, conforme colocam os filósofos, ele o faz a serviço da criação ou manutenção de relações de dominação.

O professor tem esse papel de narrador em uma sala de aula e, de alguma maneira, exerce certa dominação sobre os alunos, muitas vezes impondo um conjunto de ideias que refletem o que ele considera como ideal.

No entanto, as salas de aula representam ou deveriam representar espaços saudáveis para discussão e exposição de ideias. Essa representação é reforçada pelo cenário de liberdade de expressão em que vivemos.

Mesmo em nossas casas, nas relações familiares, podemos vivenciar as divergências de opiniões e pensamentos sobre temas relacionados à política, à religião e à sexualidade, entre outros. Essa diversidade é entendida como algo natural e bastante saudável.

Andresa Francischini, professora de Economia no Mackenzie e mãe das alunas Maria Cecília e Maria Alice.

Quando pensamos em ambientes como as salas de aula, a realidade não é diferente. Nesse cenário, o professor tem um papel fundamental: incentivar a apresentação e a discussão de opiniões diferentes. Por essa razão, mesmo tendo suas próprias opiniões e convicções, o professor deve reforçar que há, e sempre haverá, opiniões diferentes sobre o mesmo tema. Essa postura é necessária para que se reforce a importância da tolerância, que deve permear as relações entre as pessoas. A negação da existência de diferentes pontos de vista pode até, em casos extremos, favorecer o ódio entre indivíduos.

Claramente, os alunos e futuros profissionais que atuarão em diferentes áreas devem ter consciência de que há pessoas com valores diferentes, e isso não deve ser reconhecido como um ponto negativo ou motivo de exclusão. Pelo contrário: a capacidade de trabalho em equipe é um dos itens mais importantes e valorizados na seleção de candidatos a uma vaga de emprego. Ainda, uma grande parte desses futuros profissionais atuará em outros países e terá de lidar com costumes e valores muito diferentes. Essa é uma das consequências da contínua intensificação das relações econômicas e sociais entre os países.

Isso não significa que o professor deva ser impedido de expor suas ideias e convicções. Uma narrativa totalmente isenta é praticamente impossível para ele, dado que sua escala de valores é explicitada na escolha das palavras, da abordagem e dos fatos narrados. Mas, quando comentar e apresentar temas polêmicos, é importante ouvir e respeitar diferentes pontos de vista de seus alunos. Essas discussões são muito saudáveis, desde que sejam reforçadas a possibilidade e a liberdade para apresentação de opiniões divergentes. O professor deve evitar ao máximo impor sua opinião como verdade absoluta e inquestionável. Isso envolve, inclusive, usar fontes de informação que contemplem visões diferentes sobre o mesmo fato.

Como resultado, o professor terá grande responsabilidade na formação de indivíduos mais tolerantes, preocupados em ouvir, ponderar, criticar e respeitar diferentes visões de mundo.

A força da solidariedade

No momento mais difícil de suas vidas, crianças e adolescentes ganham o apoio e o carinho de voluntários.

Cajec – Casa José Eduardo Cavichio
Rua Preciosa, 86,
Parque Monte Alegre
Taboão da Serra – SP
(11) 4701.4194 /
4787.7149
www.cajec.org.br

Maria Luiza Candido Centelles lembra perfeitamente quando conheceu José Eduardo Cavichio. O ano era 1993, e ela trabalhava como voluntária no setor de ortopedia oncológica do hospital A.C. Camargo, em São Paulo. José Eduardo tinha 16 anos, vinha de São José do Rio Preto, no interior do estado, e estava ali para tratar um câncer ósseo. Maria Luiza tinha uma filha da mesma idade do rapaz. Isso os aproximou. A alegria e a vontade de viver e de se curar de José Eduardo fizeram o resto.

A experiência como voluntária tinha mostrado à Maria Luiza como era difícil para os pacientes enfrentar um tratamento como aquele. O processo era longo, doloroso. A quimioterapia e a radioterapia debilitavam demais o organismo. E quem vinha de longe, como José Eduardo, sentia falta do aconchego de casa, do apoio da família e dos amigos justamente no momento em que mais precisava deles. Ela, então, convidou o rapaz para se hospedar em sua casa durante o tratamento. A acolhida e o carinho que José Eduardo recebeu de Maria Luiza e de sua família foram fundamentais para que a terapia desse resultado. Depois de um ano, o câncer foi controlado, e José Eduardo pôde voltar a São José do Rio Preto.

As visitas a São Paulo, porém, eram frequentes, e nessas ocasiões ele sempre era hóspede de Maria Luiza. José Eduardo sonhava retomar a carreira de jogador de futebol no América, clube da sua cidade. E, quem sabe um dia, defender como profissional o time do seu coração, o Corinthians.

Não deu tempo. O câncer voltou agressivo, e José Eduardo se foi pouco antes de completar 19 anos. "Ele sempre me dizia como era importante contar com a força e a solidariedade das pessoas. Era isso que o fazia lutar e não perder a esperança", conta Maria Luiza.

Inspirada pelo amigo, ela resolveu se dedicar de corpo e alma ao auxílio de crianças e adolescentes carentes que vêm a São Paulo se tratar e não têm condições de se manter por aqui. Foi assim que surgiu o Cajec, sigla para Casa de Apoio José Eduardo Cavichio. Fundada em 1996, nos primeiros seis meses, a entidade funcionou na residência de Maria Luiza. Depois, ela se mudou para um apartamento, e sua casa se incorporou definitivamente ao projeto.

Vinte anos depois, o Cajec tem sede própria e capacidade para abrigar 25 crianças ou adolescentes e seus acompanhantes. Além de pacientes em tratamento contra o câncer, o Cajec também recebe transplantados. A Casa oferece hospedagem, cinco refeições diárias, transporte até o local de tratamento e retorno, passeios, atividades recreativas e educacionais – tudo gratuitamente. "E o vmais importante: o amor e o carinho dos nossos voluntários", diz Maria Luiza. O Cajec existe graças, principalmente, à dedicação desse time de pessoas especiais e também de empresas – o Sabin é uma delas – que contribuem para que a entidade continue funcionando e prestando um serviço inestimável.